

III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro, Setembro 2002

## ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA E PADRÃO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL DO ALTO TRÁS-OS-MONTES

*Joana Silva* (\*)*Jorge Figueira* (\*\*)*Paulo Bastos* (\*\*\*)

BRAGANÇA, Setembro de 2002

*Nesta comunicação propomo-nos apresentar os aspectos relativos à especialização produtiva e padrão de comércio internacional da região do Alto Trás-os-Montes, procurando desta forma contribuir para identificar e clarificar as especificidades mais relevantes por si evidenciadas. Encontramos evidência de que padrão de especialização da região é significativamente distinto do evidenciado pela da região norte e pelo país. O ATM é relativamente mais especializado que o norte e que o país nas actividade agrícolas, na produção de produtos energéticos e na prestação de serviços não mercantis. Encontramos também evidência de que a região apresenta uma especialização como exportadora líquida em sectores intensivos em recursos naturais, o que permite concluir que o ATM não acompanhou as importantes alterações registadas na estrutura sectorial do comércio externo português nas últimas quatro décadas. O recente crescimento das exportações da região leva-nos contudo a considerar que o potencial dinâmico proporcionado por uma crescente abertura da sua economia ao exterior não deve ser negligenciado na concepção de uma estratégia de desenvolvimento.*

(\*) Assistente do 1º. Triénio da Escola Superior de Tecnologia e de Gestão do Instituto Politécnico de Bragança, Mestrando em Economia - ramo de especialização Comércio Internacional - na Universidade do Minho. E-mail: [js@ipb.pt](mailto:js@ipb.pt)

(\*\*) Professor Adjunto da Escola Superior de Tecnologia e de Gestão do Instituto Politécnico de Bragança, Doutorando em Economia Aplicada e Análise Regional da universidade de Valladolid. E-mail: [figueira@ipb.pt](mailto:figueira@ipb.pt)

(\*\*\*) Assistente do 1º. Triénio da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Bragança, Mestrando em Economia - ramo de especialização Comércio Internacional - na Universidade do Minho. E-mail: [pbastos@netcabo.pt](mailto:pbastos@netcabo.pt)

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o padrão de especialização produtiva e do comércio externo português tem sido alvo de diversos estudos. Análises neste domínio ganharam especial relevância após a integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia (em 1986) na sequência da qual o nosso país experimentou um forte processo de liberalização do seu comércio externo que conduziu a uma intensificação das relações com o exterior e a importantes alterações na estrutura da economia. A maioria dos trabalhos neste domínio, ao eleger o país como unidade de análise, tende, porém, a negligenciar importantes especificidades de carácter regional, apenas passíveis de serem captadas por estudos que utilizem uma maior desagregação geográfica.

É nossa convicção que o padrão de especialização produtiva de uma região influencia de modo decisivo a capacidade de internacionalização da sua economia e o modo como esta se processa, determinando assim a sua vocação no contexto nacional e internacional. Assim, procuramos com a presente comunicação contribuir para identificar e clarificar as especificidades do padrão de especialização produtiva e internacional de uma região que muito nos diz - a região do Alto Trás-os-Montes (ATM)<sup>1</sup> - cujo perfil económico e participação no comércio externo é bastante atípica no contexto nacional.

A presente comunicação estrutura-se em duas partes. Numa primeira parte, procuramos caracterizar a especialização produtiva do ATM e respectiva evolução no período pós integração europeia. Para tal, e depois de analisarmos de uma forma breve a dinâmica apresentada pelo Valor Acrescentado Bruto, emprego e produtividade da região, dedicamos especial atenção à análise do seu padrão de especialização sectorial, uma vez que os sectores industriais mais importantes de uma região são, grosso modo, os mais orientados para o comércio externo.

A segunda é consagrada ao estudo do padrão das trocas externas da região do ATM. Neste sentido, após uma breve análise dos indicadores gerais e macro-económicos relacionados com o comércio externo da região, estudamos com maior detalhe a estrutura geográfica e sectorial das trocas do ATM, e a sua importância no contexto da região norte e do país. Procedemos de seguida à análise do padrão de especialização comercial inter e intra-industrial apresentado pela região, cujos resultados foram discutidos e relacionados com a evolução da especialização internacional evidenciada pelo país. A segunda parte termina com uma análise ao nível dos três concelhos mais representativos da região – Bragança, Chaves e Mirandela – no sentido de identificar eventuais dissemelhanças no que concerne ao tipo de produtos trocados internacionalmente pelas empresas aí sediadas.

A comunicação termina com a apresentação sumária das principais conclusões retiradas a partir da análise efectuada.

---

<sup>1</sup> A região do ATM é constituída pelo seguinte agrupamento de concelhos: Alfândega da Fé, Boticas, Bragança, Chaves, Macedo de Cavaleiros, Miranda do Douro, Mirandela, Mogadouro, Montalegre, Murça, Valpaços, Vila Pouca de Aguiar, Vimioso e Vinhais.

## 1. ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA DO ATM

### 1.1. O PERFIL ECONÓMICO DO ATM

Estudos sobre o desenvolvimento económico e social sub-regional português apontam o ATM como uma das regiões portuguesas com menor índice de desenvolvimento (Ministério da Finanças 1999 e Ministério do Planeamento 2002) sendo o seu atraso estrutural especialmente motivado por razões económicas.

No período compreendido entre 1988 e 1997, o valor acrescentado bruto a preços de mercado (VABpm) da região cresceu a uma taxa média anual de 11,12% - superior à da região norte (10,97%) e à do país como um todo (10,69%). Esta evolução, apesar de favorável à região, não foi suficiente para eliminar o seu atraso estrutural, correspondendo o seu VABpm em 1997 a apenas 4,75% do VABpm da região Norte e a 1,49% do VABpm do país.

#### Quadro 1 – Valor Acrescentado Bruto a preços de mercado do ATM, Norte e País, 1988-1997

ANO	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
ATM	470	561	675	798	907	932	1016	1079	1148	1214
Norte	10019	11750	13784	15918	18263	19415	21092	22719	24053	25562
País	32700	38673	45587	52502	58652	62345	67087	72283	76765	81561

Unidade: 10<sup>6</sup> Euros

Fonte: INE, Contas Regionais

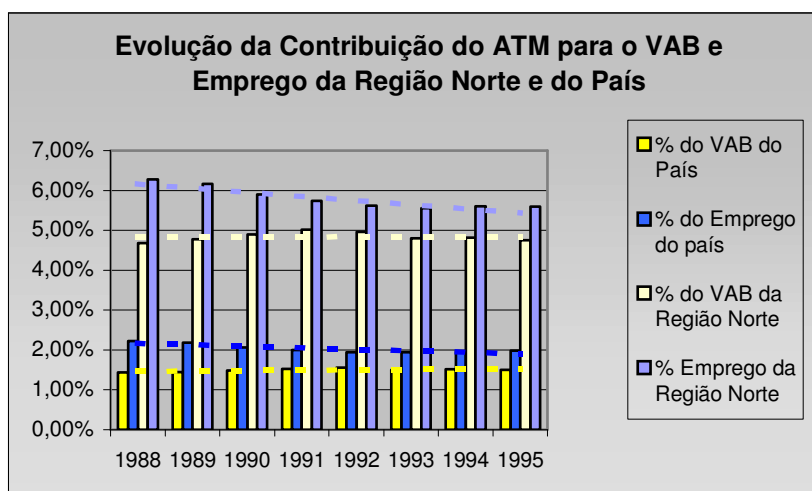
No primeiro trimestre de 2002 o ATM é a segunda NUT III do Norte com menor volume de população activa<sup>2</sup>. A escassez relativa de factor trabalho constitui uma desvantagem comparativa para a atracção de investimento produtivo para a região o que, por sua vez, constitui um entrave ao aumento do emprego. Verifica-se assim um círculo vicioso difícil de quebrar. A expectativa de um baixo dinamismo do emprego condiciona a atracção e fixação de trabalhadores na região e a consequente escassez relativa de factor trabalho leva a que os empresários optem por investir noutras regiões, especialmente no que respeita a sectores em cujo processo produtivo o factor trabalho seja utilizado de modo intensivo. Para além disso, a exiguidade dos mercados locais e a significativa distância geográfica existente entre os concelhos mais representativos do ATM – e entre estes no seu conjunto e o Minho e Douro Litoral – condiciona fortemente a implantação de estruturas empresariais que beneficiem de rendimentos crescentes à escala. Uma agravante a este cenário reside no facto de no ATM grande parte da população activa apresentar baixos níveis de instrução – 14,7% não tem qualquer nível de instrução e 32% apenas completou o 1º Ciclo do ensino básico<sup>3</sup>. Tal facto condiciona fortemente a atracção de investimento em sectores intensivos em trabalho qualificado.

No que concerne ao emprego, constata-se que o ATM é a segunda NUT III da região norte com menor contributo para o emprego da região, concentrando, no 1º Trimestre de 2002, apenas 6,29% da população empregada da região Norte e 2,3% da população empregada nacional. Apesar de reduzidos, ambos os valores indicam um

<sup>2</sup> Fonte: INE, Estatísticas do Emprego – Região Norte (NUTS III), 1.º Trimestre de 2002.

<sup>3</sup> Idem.

maior contributo da região para o emprego do que para o VABpm regional e nacional, situação que se verificou em todos os anos compreendidos entre 1988 e 1995.



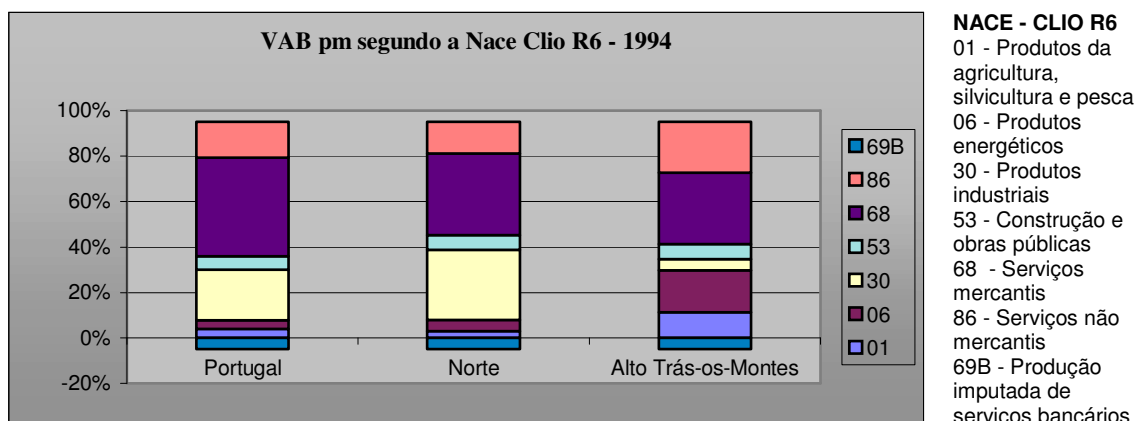
Fonte: INE, Contas Regionais

No período compreendido entre 1988 e 1995, a região do ATM apresentou sempre índices de produtividade inferiores aos registados pela região norte e pelo país como um todo, o que é especialmente significativo numa região caracterizada pela escassez de factor trabalho<sup>4</sup>. Porém, ainda ao nível deste indicador, é de realçar o maior dinamismo da região relativamente ao país como um todo – a produtividade cresceu a uma taxa média anual de 14,38% na região e 11,78% no país.

## 1.2. PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO SECTORIAL DO ATM

Em 1994, a economia da região assentava basicamente na prestação de serviços mercantis (34,8% do VABpm) e não mercantis (24,8% do VABpm), produção de produtos energéticos (20,4% do VABpm) e de produtos oriundos da agricultura, silvicultura e pesca (12,6%). A indústria transformadora apresentava, nesta altura, um papel menor na economia da região, com uma contribuição para o VAB de apenas 5,8% (contributo inferior ao registado em 1991, ano em que as actividades industriais eram responsáveis por 7,41% do VABpm da região).

Entre 1991 e 1994, a actividade que apresentou maior dinamismo no ATM foi a da construção e obras públicas (com uma taxa de crescimento média anual de 19,51%), seguida da dos serviços. Quer a actividade agrícola quer a industrial apresentaram, neste período, uma tendência regressiva.



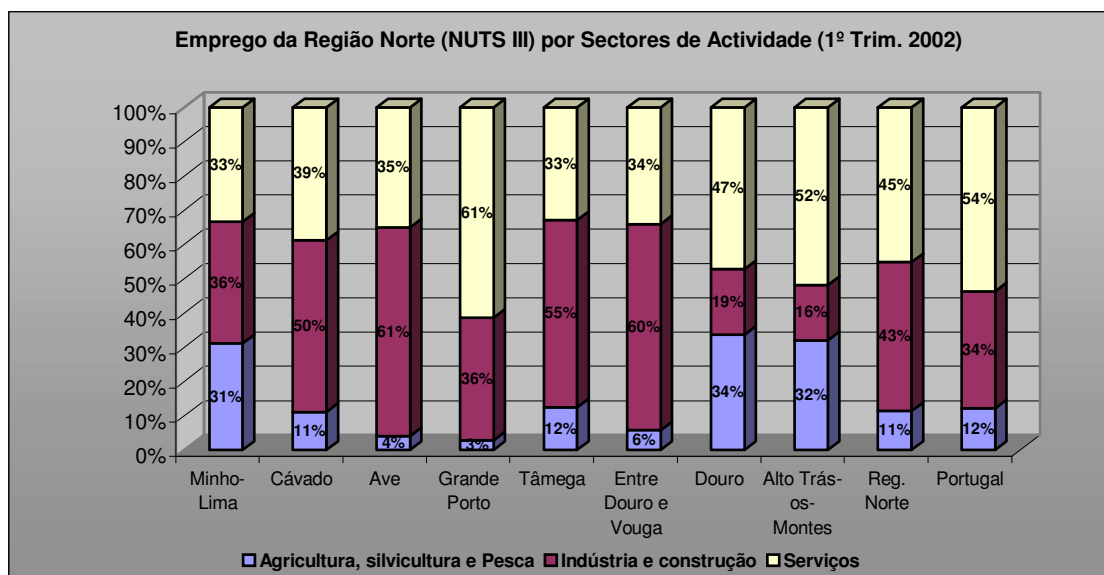
Fonte: INE, Contas Regionais 90-94.

A utilização do emprego como indicador de base (em vez do VABpm) não altera de forma significativa as conclusões retiradas acerca do padrão de especialização sectorial do ATM.

Quer em 1991 quer em 2001, as actividades do sector agrícola têm um peso no emprego da região muito superior ao seu peso no emprego da região norte e do país. De registar, porém, que, no período em análise, se verificou uma diminuição significativa na intensidade de localização desta actividade no ATM.

No que concerne ao sector industrial, a sua representatividade no emprego da região é significativamente inferior à registada no norte e no país.

No domínio do sector dos serviços, a evolução registada foi inversa à do sector agrícola, tendo a importância relativa deste sector no emprego do ATM aumentado significativamente entre 1990 e 2002, de tal forma que, neste último ano, o peso deste sector no emprego da região era semelhante ao seu peso no emprego nacional.



Fonte: INE, Estatísticas do emprego – Região Norte (NUTS III), 1º Trimestre de 2002.

## Quadro 2 – Quocientes de localização por actividade para a região do ATM

	1991	2002		1991	2002		1991	2002
QL(agricultura, ATM)			QL(indústria, ATM)			QL(Serviços, ATM)		
Unidade Territorial de referência:			Unidade Territorial de referência:			Unidade Territorial de referência:		
Portugal	3,552	2,643	Portugal	0,47	0,47	Portugal	0,876	0,967
Norte	3,681	2,797	Norte	0,371	0,37	Norte	1,087	1,149

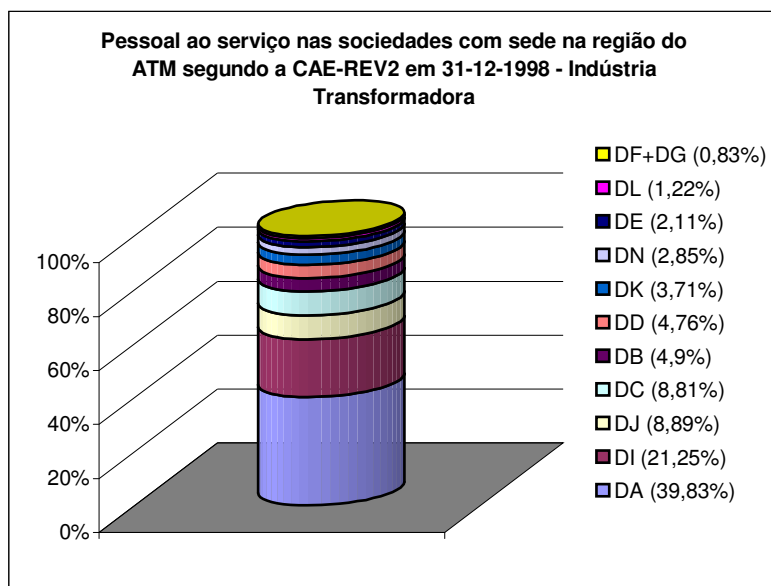
O indicador utilizado foi a população empregada por sector de actividade cuja fonte foi o INE, Inquérito ao emprego.

Em 2002, o ATM apresenta-se como a NUT III do norte com menor concentração de emprego no sector secundário e como a segunda região nortenha com maior concentração de emprego no sector primário. No que concerne ao sector terciário, o peso do emprego deste sector no total do emprego da região é significativamente elevado, sendo, em todo o país, apenas superado pelo registado na região do Grande Porto.

<sup>4</sup> Fonte: INE, Contas Regionais.

Procedemos, de seguida, à análise do tecido industrial do ATM com recurso à distribuição do pessoal ao serviço nas sociedades com sede na região pelas diferentes actividades industriais. Foi possível concluir que o mesmo se encontra fortemente concentrado nas seguintes actividades económicas industriais:

- ⇒ indústrias alimentares (essencialmente ligadas ao abate de animais, à produção produtos agro-alimentares em que se destacam as indústrias de óleos e gorduras animais e vegetais ligadas à refinação de azeita e as ligadas à preparação e transformação da castanha) e das bebidas (que se baseia no engarrafamento de águas minerais e em várias adegas e caves);
- ⇒ fabricação de outros minerais não metálicos (associadas à produção de materiais de construção e à transformação de mármore e granito);
- ⇒ indústrias metalúrgicas de base e de produtos metálicos (associadas à fabricação de elementos para a construção e ao tratamento e revestimento de metais), à indústria do couro e dos produtos de couro (associadas à indústria do calçado);
- ⇒ indústria têxtil;
- ⇒ Indústria da madeira e da cortiça (associadas a diversos pequenos estabelecimentos de serração e carpintarias, com unidades de maior dimensão e á indústria do mobiliário).



**Legenda dos códigos de actividade (CAE Ver. 2):**  
**DA** – Indústrias alimentares, das bebidas e do tabaco; **DI** – Fabric. de outros prod. minerais não metálicos; **DJ** – Ind. metalúrgicas de base e de produtos metálicos; **DC** – Indústria do couro, **DB** – Indústria têxtil, **DD** – Indústria da madeira e da cortiça, **DK** – Fabricação de máquinas e de equipamentos não especificados, **DN** – Fabricação de material de transporte, **DE** – Indústria da pasta de papel e do cartão e seus artigos, edição e impressão, **DL** – Fabric. de equipamento eléctrico e de óptica, **DF** - Fabric. de coque, prod. petrolíferos refinados e combustível nuclear, **DG** – Fabricação de produtos químicos e de fibras sintéticas ou artificiais.

Fonte: INE, Ficheiro Geral de Unidades Estatísticas (FGUE).

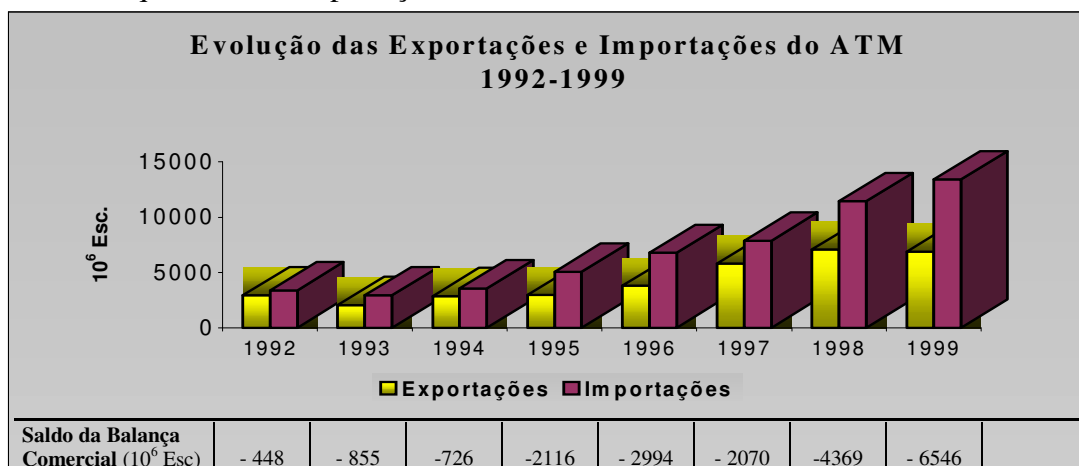
Pelo exposto, podemos concluir que a economia do ATM se apresenta altamente terciarizada, apresentando ainda uma dependência face às actividades do sector primário muito acima da média nacional. O seu tecido industrial é bastante incipiente e dependente de indústrias intensivas em recursos naturais e associadas às actividades de construção.

## 2. O PADRÃO DE COMÉRCIO INTERNACIONAL DO ATM

### 2.1. OS FLUXOS COMERCIAIS GLOBAIS DAS EMPRESAS SEDIADAS NA REGIÃO

Numa perspectiva evolutiva, é possível observar que as importações das empresas sediadas na região do ATM têm evidenciado uma maior dinâmica do que as

exportações – entre 1992 e 1999 a taxa de crescimento média anual das importações foi de 21,8% enquanto a das exportações foi de 12,97%.

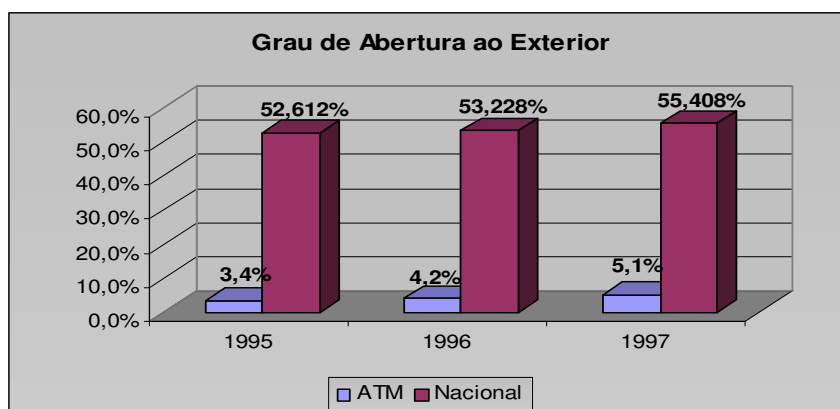


Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional, informação disponível não publicada.

Como podemos constatar através do gráfico acima apresentado, entre 1992 e 1999, o valor das importações das empresas sediadas no ATM revelou-se sempre superior ao das exportações, o que se traduziu na existência de um défice comercial permanente. Dado o maior dinamismo relativo das importações da região, tem-se assistido ainda ao seu progressivo agravamento.

O cenário descrito reflecte-se ao nível da taxa de cobertura das importações pelas exportações - sempre inferior a 1 e com uma tendência decrescente. Em 1993 as exportações da região correspondiam a 87% das importações, ao passo que, em 1999, representavam apenas 51%<sup>5</sup>.

As correntes comerciais da região do ATM com o exterior (fluxos de importação e de exportação) assumem uma baixa importância relativamente à dimensão da economia. Trata-se de uma economia bastante introvertida, com uma grau de abertura ao exterior (GAE) que em 1997 atingia os 5,1%. O valor deste indicador é extremamente reduzido, sobretudo se atendermos ao facto do ATM estar inserido num país em que os fluxos comerciais com o exterior representavam 55,41% do seu produto. Apesar disso, o GAE tem aumentado a uma ritmo superior ao registado para o país como um todo.



Grau de Abertura = (Exportações + Importações)/PIBpm

Todos as variáveis se encontram a preços correntes.

Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional, informação disponível não publicada e Contas Económicas Regionais por Ramos de Actividade

<sup>5</sup> Fonte: INE, Estatísticas do Comércio Internacional, informação disponível não publicada.

## 2.2. A IMPORTÂNCIA DAS EMPRESAS SEDIADAS NO ATM NO COMÉRCIO EXTERNO DA REGIÃO NORTE E DO PAÍS

A importância das empresas situadas na região do ATM no comércio externo nacional é diminuta. Em 1999, as empresas com sede na região do ATM foram responsáveis por 0,15% das exportações portuguesas e 0,18% das importações nacionais. Inserido numa importante plataforma para a internacionalização da economia nacional - a região Norte, responsável por cerca de 45% das exportações nacionais e cerca de um quarto das importações - o ATM é a NUT III do Norte com menor contributo para as exportações nacionais e o que apresenta o segundo menor contributo para as importações<sup>6</sup>.

## 2.3. A ESTRUTURA GEOGRÁFICA DAS TROCAS DA REGIÃO

Considerando agora a estrutura geográfica das trocas, é visível que, em 1999, o comércio intracomunitário da região do ATM era significativamente superior ao comércio extracomunitário – representando cerca de 83% do comércio total da região.

De entre os países pertencentes à União Europeia, assumem claro destaque como parceiros comerciais da região do ATM cinco dos maiores países comunitários: Espanha, Alemanha, França, Itália e Reino Unido.

O país vizinho apresenta-se como o principal fornecedor das empresas da região e como o segundo maior destino das suas exportações, logo atrás da Alemanha (que é também o terceiro maior fornecedor). De destacar ainda a relevância assumida pela França – país que, logo a seguir à Espanha, se encontra mais próximo geograficamente - enquanto parceiro comercial desta região. Tal como a Espanha este país revela-se mais importante como fornecedor do que como cliente das empresas do ATM.

### Quadro 3 – Principais Fornecedores e Clientes Externos Intracomunitários, 1997

Importações			Exportações		
País	Total (10 <sup>6</sup> Esc)	% Total	País	Total (10 <sup>6</sup> Esc)	% Total
Espanha	3053	45,2%	Alemanha	2201	47,29%
França	2291	33,9%	Espanha	1208	25,96%
Alemanha	669	9,9%	França	1099	23,61%
Itália	477	7,1%	Reino Unido	81	1,74%
Países Baixos	106	1,6%	Bélgica e Luxemburgo	53	1,14%
Reino Unido	72	1,1%	Irlanda	10	0,21%
Dinamarca	66	1,0%	Países Baixos	2	0,04%
Bélgica e Luxemburgo	23	0,3%	<b>Total</b>	<b>4654</b>	
Irlanda	4	0,1%			
<b>Total</b>	<b>6761</b>				

Fonte: INE, Estatísticas do Comércio internacional, informação disponível não publicada

## 2.4. ESTRUTURA SECTORIAL DAS TROCAS EXTERNAS DO ATM

Em 1995, cerca de metade das exportações das empresas do ATM correspondiam a produtos agrícolas e caça, categoria de produtos em que 62,1% das exportações da região Norte são efectuadas por empresas do ATM. De entre as restantes

<sup>6</sup> Fonte: INE, Anuário da Região Norte.



categorias de produtos exportados pelas empresas da região, destacam-se a indústria das bebidas (11% do total), de fabrico de produtos minerais não metálicos (9,6%), de extracção de minérios não metálicos (9%) e a indústria da madeira e cortiça (6,3%). No seu conjunto, as actividades económicas acima referidas são responsáveis por 82,8% das exportações da região<sup>7</sup>.

De entre os produtos importados pelas empresas do ATM, destacam-se as importações de produtos da indústria básica de ferro e aço (41% do total), seguidas a grande distância de produtos piscatórios (11,2%). As importações de minérios não metálicos pelas empresas do ATM assumem um peso significativo nas importações do Norte nesta categoria económica, o que se apresenta especialmente relevante quando confrontado com o seu peso nas importações da região – 8,2% das importações totais das empresas do ATM representam 16,3% das importações de minérios não metálicos da região Norte<sup>8</sup>.

De notar que o padrão de especialização da região do ATM se apresenta significativamente distinto do da região Norte. Em 1995, a região Norte exportava predominantemente produtos da indústria têxtil (23,8% do total), vestuário (17,43%), calçado (16,02%) e máquinas e material eléctrico (12,87%). Nenhum destes produtos apresenta relevância significativa nas exportações das empresas do ATM, sendo ainda de destacar o facto de a região norte ser importadora, em termos líquidos, dos produtos que representam cerca de metade das exportações do ATM – agricultura e caça<sup>9</sup>.

## 2.5. ESPECIALIZAÇÃO INTER E INTRA-INDUSTRIAL DO ATM

Neste ponto, com base em dados relativos a 1995, iremos proceder à identificação dos sectores importadores e exportadores da região do ATM em termos líquidos<sup>10</sup>, do grau de especialização inter-industrial<sup>11</sup> e dos sectores em que as trocas intra-industriais apresentam um elevado peso no total das trocas comerciais<sup>12</sup>.

No referido ano, a região do ATM apresentou uma especialização como exportadora líquida em produtos do reino vegetal; produtos das indústrias alimentares, bebidas alcoólicas e vinagre e artigos de relojoaria e outros e como importadora líquida de animais vivos e produtos do reino animal; produtos das indústrias químicas; peles couros e suas obras; pasta de madeira, papel e suas obras; calçado e outros; metais, máquinas, aparelhos e material eléctrico e material de transportes.

<sup>7</sup> INE, Estatísticas do Comércio Internacional, informação estatística disponível não publicada.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Através da análise das exportações líquidas em percentagem do comércio total de cada sector -  $(X_i - M_i)/(X_i + M_i)$  - também designado por índice de vantagens comparativas reveladas absolutas. Assinalamos, os valores em que a região do ATM apresentou uma especialização como exportador líquido.

<sup>11</sup> Utilizamos o indicador proposto por Balassa para medir o grau de especialização de cada sector, que indica a taxa de cobertura sectorial dividida pela taxa de cobertura de todo o comércio externo da região -  $(X_i/M_i)/(X/M)$ . Valores muito superiores a 1 revelam uma especialização como exportador e valores muito próximos de zero revelam uma especialização como importador.

<sup>12</sup> Através do índice de comércio intra-industrial (ICII) - também designado de índice Grubel e Loyd - que mede o peso das trocas intra-industriais no total das trocas comerciais de um dado sector, num determinado momento de tempo e calcula-se da seguinte forma:  $1 - |X_i - M_i|/(X_i + M_i)$ . Se o ICII for igual a 1, a totalidade das trocas comerciais do sector são do tipo intr-industrial. Se assumir o valor zero, a totalidade das trocas é do tipo inter-industrial.

**Quadro 4 - Exportações Líquidas, Grau de Especialização Inter-Industrial e Índice de Comércio Intra-Industrial (ICII) da região do ATM, 1995**

	Exportações Líquidas <sup>13</sup>	Grau de Especialização Inter-Industrial <sup>14</sup>	Índice de Comércio Intra-Industrial
1 Animais vivos e produtos do reino animal	-0,72	0,18	0,28
2 Produtos do reino vegetal	0,64	5,16	0,36
3 Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais	0,36	2,46	0,64
4 Produtos das indústrias alimentares, bebidas alcoólicas e vinagre	0,74	7,68	0,26
5 Produtos minerais	-0,48	0,41	0,52
6 Produtos das indústrias químicas e produtos conexos	-0,90	0,06	0,10
7 Plásticos e suas obras; Borracha e suas obras	-0,66	0,24	0,34
8 Peles, couros e suas obras	-1,00	0,00	0,00
9 Madeira e cortiça e suas obras; Carvão vegetal	-0,19	0,78	0,81
10 Pasta de madeira; papel e suas obras	-1,00	0,00	0,00
11 Matérias têxteis e suas obras	0,11	1,43	0,89
12 Calçado; chapéus; guarda chuvas e produtos afins	-1,00	0,00	0,00
13 Minerais não metálicos; vidro e cerâmica e suas obras	-0,05	1,04	0,95
14 Pérolas; metais preciosos e não preciosos; bijuterias	-	-	-
15 Metais comuns e suas obras	-0,73	0,18	0,27
16 Máquinas, aparelhos e material eléctrico	-0,88	0,08	0,12
17 Material de transportes	-0,79	0,13	0,21
18 Artigos de relojoaria, cinematografia, óptica, médico-cirúrgicos, musicais, instrumentos musicais e outros	0,86	15,82	0,14
19 Armas e munições; suas partes e acessórios	-	-	-
20 Mercadorias e produtos diversos	0,24	1,87	0,76
21 Objectos de arte, de colecção e antiguidades	1,00	-	0,00

Fonte: INE *et al.* (1998)

Estes resultados estão também, genericamente, de acordo com a teoria neoclássica do comércio internacional no que se refere à especialização e vantagens comparativas previstas para uma região com as características do ATM – região relativamente abundante em alguns recursos naturais. O facto de ser uma região pouco populosa pode também contribuir fortemente para explicar a desvantagem comparativa apresentada em indústrias intensivas em trabalho e em bens diferenciados que exigem uma elevada escala de produção.

No que concerne aos produtos em que a região apresenta uma especialização predominantemente do tipo intra-industrial<sup>15</sup>, destacam-se a madeira, cortiça e suas obras; minerais não metálicos, madeira, cortiça e suas obras e carvão vegetal; matérias têxteis e suas obras e minerais não metálicos, vidro e suas obras.

## 2.6. ESPECIALIZAÇÃO DO COMÉRCIO EXTERNO PORTUGUÊS EM GERAL E DA REGIÃO DO ATM EM PARTICULAR

Segundo Cabral (1996), entre 1960 e 1996, verificaram-se importantes alterações na estrutura sectorial do comércio externo português. Entre 1960 e meados da

<sup>13</sup> Assinalamos, os valores em que a região do ATM apresentou uma especialização como exportador líquido.

<sup>14</sup> Assinalamos os valores superiores a 5 e inferiores a 0,2 que revelam um grau de especialização acentuado de cada sector, respectivamente como exportador e como importador.

<sup>15</sup> A leitura do índice de comércio intra-industrial calculado no quadro n.º 4 deve contudo merecer algum cuidado, dado o reduzido nível de desagregação dos dados disponíveis, facto que contribui para sobreavaliar do peso das trocas intra-industriais no total das trocas comerciais da região.

década de setenta, o país evoluiu de uma situação em que os sectores intensivos em recursos naturais representavam 45% das exportações do país - em 1960 - para um cenário em que os têxteis, vestuário e calçado se tornaram o principal pólo dinamizador das exportações portuguesas. Ainda mais recentemente, sobretudo desde meados da década de oitenta, assistiu-se a um forte aumento do peso das exportações das indústrias de máquinas, material eléctrico e automóvel que, em 1996, passaram a ser o grupo de indústrias responsável pela maior parte das exportações portuguesas.

Esta alteração, alavancada pelo investimento directo estrangeiro, é estrutural e tem a si associadas importantes consequências para a economia portuguesa. A especialização do país em 1960 - em sectores intensivos na utilização de recursos naturais - era especialmente preocupante devido ao facto de este tipo de bens beneficiarem de uma menor elasticidade rendimento da procura e terem vindo, por esse motivo, a beneficiar de uma procura menos dinâmica que os restantes bens. Este é, aliás, o tipo de bens em que os países em vias desenvolvimento se encontram especializados, facto que é frequentemente apontado como um dos principais factores que estão na base do seu atraso, uma vez que o menor dinamismo da procura se tem consubstanciado numa tendência secular para a deterioração dos seus termos de troca.

O aumento da especialização do país em produtos das indústrias dos têxteis, vestuário e calçado - que segundo Cabral (1996) foram o grupo de indústrias com maior peso nas exportações portuguesas entre meados da década de setenta e 1995 - constituiu uma importante evolução da especialização internacional do país. No entanto, o facto da competitividade destas indústrias ter assentado sobretudo nos baixos custos, por via da utilização intensiva de mão de obra pouco qualificada e ter estado, pelo menos em parte, apoiada nas desvalorizações do escudo verificadas na década de oitenta e não na diferenciação pela qualidade e na adopção de processos de produção tecnologicamente evoluídos, colocou importantes desafios a estas indústrias - e à economia nacional -, sobretudo após a inversão da política cambial e o aumento da concorrência do mercado europeu, na sequência do processo de integração europeia.

Assim, como refere Cabral (1996), o facto de, em 1996, a maior parte das exportações portuguesas ter passado a ter origem em indústrias que produzem bens diferenciados, com rendimentos crescentes à escala, com elevada intensidade capitalística e incorporação tecnológica, e que utilizam trabalho de média ou elevada qualificação, constitui, sem dúvida, uma importante alteração estrutural do padrão de especialização internacional e produtivo da economia portuguesa, dado que, para além de todas as suas implicações sobre a estrutura produtiva, a especialização nestes sectores está associada a uma maior possibilidade de alcançar ganhos de comércio dinâmicos, resultantes de um maior aproveitamento de economias de escala. Assim, uma vez ultrapassados os eventuais custos de ajustamento provocados por esta alteração, a evolução da especialização portuguesa permite encarar com fundamentado, embora moderado, optimismo a participação do país num futuro processo de aprofundamento e alargamento da integração europeia.

Comparando a actual especialização da região do ATM com a do país como um todo, apetece perguntar onde esteve este território do interior do país nos últimos quarenta anos. Em 1995, o núcleo central das exportações desta região continuava a pertencer aos sectores intensivos na utilização de recursos naturais, com todos os problemas daí resultantes. Paralelamente, na última década, a região assistiu a uma progressiva diminuição do emprego e ao envelhecimento da sua população empregada. A generalidade dos indicadores económicos analisados ao longo do presente estudo

parece indicar que a região viu acentuar-se a sua situação periférica relativamente às restantes regiões de um país, que apesar de pertencer à periferia da UE, verificou importante processo de convergência estrutural em relação aos seus principais parceiros comerciais.

## **2.7. O COMÉRCIO EXTERNO DOS CONCELHOS DO ATM**

As empresas sediadas no conjunto dos concelhos de Bragança, Chaves e Mirandela concentram 75,6% das exportações do ATM e 47% das importações<sup>16</sup>. Dada a importância assumida por este três concelhos nos fluxos comerciais internacionais da região, procedemos a uma análise mais detalhada das exportações e importações dos mesmos com vista a identificar eventuais dissemelhanças nos padrões de trocas comerciais que apresentam. Para tal fizemos usos da informação disponível na base de dados das empresas exportadoras e importadoras do ICEP (Investimento, Comércio e Turismo em Portugal), relativa a 1999.

No que concerne às exportações, o concelho de Bragança apresenta, segundo ICEP (1999), o maior número de empresas exportadoras (nove), seguido do de Chaves e Mirandela (com cinco empresas cada). Enquanto no concelho de Bragança a maioria das empresas se dedica à exportação de produtos agrícolas e outros produtos alimentares (com destaque para a castanha) – cinco empresas em nove -, no concelho de Chaves destaca-se a actividade exportadora de quatro empresas: uma dedicada á exportação de granito, duas exportadoras de madeira e uma de produtos agrícolas e outros produtos alimentares. No que concerne ao concelho de Mirandela, existiam, em 1999, duas empresas dedicadas à exportação de óleos e gorduras alimentares, uma empresa exportadora de produtos agrícolas – sobretudo azeite – uma empresa exportadora de pedras para calcetar e granito e uma empresa exportadora de produtos para pastelaria e panificação.

No que respeita aos produtos importados, existiam, em 1999, três empresas - uma em cada concelho - importadoras de produtos que integram a actividade de abastecimento e conservas de carne e peixe. Para além disso, no concelho de Bragança duas empresas efectuaram trocas intra-industriais: importaram e exportaram no mesmo ano castanhas e minerais ferrosos. A empresa AFRIBER - África Ibérica Trading, S.A importou têxteis, predominantemente tecidos, e exportou vestuário. No concelho de Chaves, destaque para três empresas importadoras de minerais não metálicos – sobretudo granito – uma das quais foi também exportadora destes produtos.

Ainda segundo o ICEP (1999), em Mirandela, no ano de 1999, apenas operava uma empresa importadora, que apresentou um valor relativamente reduzido de importações – inferior a 300.000 euros.

---

<sup>16</sup> INE, Estatísticas do Comércio Internacional, informação estatística disponível não publicada.

## CONCLUSÕES

Com os presente estudo procuramos contribuir para identificar e clarificar as especificidades do padrão de especialização produtiva e internacional da região do Alto Trás-os-Montes (ATM).

Ao longo do presente trabalho foi possível verificar que a economia desta região se apresenta altamente terciarizada, sendo ainda a NUT III do Norte com menor concentração de emprego no sector secundário e a segunda região nortenha com maior concentração de emprego no sector primário.

O padrão de especialização da região é significativamente distinto do evidenciado pela da região norte e pelo país. O ATM é relativamente mais especializado que o norte e que o país nas actividades agrícolas, silvicultura e pesca; na produção de produtos energéticos e na prestação de serviços não mercantis.

A indústria transformadora apresenta uma contribuição muito reduzida para o VAB da região e centra-se sobretudo na exploração de recursos naturais. A escassez relativa de factor trabalho em geral e de trabalho qualificado em particular, associada à exiguidade dos mercados locais e ao isolamento geográfico da região, condiciona fortemente a implantação quer de indústrias intensivas em trabalho, quer de estruturas empresariais – nacionais ou estrangeiras – com elevada incorporação tecnológica e que beneficiem de rendimentos crescentes à escala.

A especialização sectorial do ATM traduz-se também nos aspectos relacionados com o comércio externo.

Em 1997, o grau de abertura ao exterior do ATM atingia somente 5,1%, um valor mais de dez vezes inferior ao apresentado pelo país como um todo, fruto da sua grande dependência face ao sector dos serviços e de uma produção industrial em grande parte vocacionada para dar resposta à procura doméstica.

Integrada num país que verificou uma importante alteração da estrutura sectorial do comércio externo – em 1996 as indústrias de máquinas, material eléctrico e automóvel passaram a ser o grupo de indústrias responsável pela maior parte das exportações portuguesas – a região apresenta uma especialização como exportadora líquida em produtos do reino vegetal e em produtos das indústrias alimentares e bebidas alcoólicas e vinagre, sectores intensivos em recursos naturais. A especialização internacional neste tipo de produtos é sobretudo preocupante devido ao fraco dinamismo evidenciado pela procura deste tipo de bens, que se tem traduzido numa sucessiva deterioração dos termos de troca dos países e regiões especializados na sua exportação.

No seu conjunto, a generalidade dos indicadores económicos analisados ao longo do presente estudo levam-nos a concluir que o ATM viu acentuar-se a sua situação periférica relativamente às restantes regiões do país. Porém, a elevada dinâmica das exportações das empresas da região, que entre 1996 e 1998 superou a apresentada pelas empresas sediadas no resto do país e a taxa de crescimento económico da região, leva-nos a considerar que o potencial dinâmico proporcionado por uma crescente abertura da sua economia ao exterior não deve ser negligenciado na concepção de uma estratégia de desenvolvimento para o território.

## BIBLIOGRAFIA

**DIRECÇÃO GERAL DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL** (2000), *As Infra-estruturas produtivas e os factores de competitividade das regiões e cidades portuguesas*, Direcção Geral do Desenvolvimento Regional, Lisboa.

**CABRAL**, Manuel Herédia (1996), *Alterações da Estrutura e especialização do Comércio Externo Portugês entre 1960 e 1996 – Uma Avaliação da 1ª década de Integração Europeia*, Universidade do Minho, Braga.

**FIGUEIRA**, Jorge (2001), *Evaluación del nivel de desarrollo de las NUTS III de la Región Norte de Portugal e provincias de –castilha e León, a través del indicador sintético de distancia –P2*, Universidad de Valladolid, Valladolid.

**GABINETE DE ESTUDOS E PROSPECTIVA ECONÓMICA** (2000), *Base de dados do Comércio Internacional*, GEPE, Lisboa.

**GUIMARÃES**, Maria Helena, **COELHO**, César (2000), “O Padrão de Especialização do Norte de Portugal 1988-1998”, *Estatísticas & Estudos Regionais – Região Norte*, Janeiro-Abril, n.º 22.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (1989-2000), *Anuário Estatístico da Região Norte*, INE/Direcção Regional do Norte, Porto.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (1998), *Anuários Estatísticos Regionais 1997-1998*, INE, Lisboa.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (1999), *Base de dados das Estatísticas do Comércio Internacional das Regiões NUT III*, INE, Lisboa.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO NORTE, JUNTA DE CASTILLA Y LEON** (1998), *Anuário Estatístico Região Norte (Portugal), Castilla y Leon (España)*, INE/JCL/CCRN, Porto.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (2002), *Contas Económicas Regionais por Ramos de Actividade*, INE, Lisboa.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (1990, 1995), *Contas Regionais*, INE, Lisboa.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (1993-2000), *Estatísticas do Comércio Internacional*, INE, Lisboa.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (2002), *Estatísticas do Emprego – Região Norte (NUTS III), 1º Trimestre de 2002*, INE, Lisboa.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (1994-2002), *Estatísticas do Emprego*, INE, Lisboa.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (2002), *Ficheiro Geral de Unidades Estatísticas*, INE, Lisboa.

**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA** (2002), *Recenseamento de 2001 (resultados provisórios)*, INE, Lisboa.

**INVESTIMENTO, COMÉRCIO E TURISMO EM PORTUGAL** (1999), *Empresas Exportadoras/ Empresas Importadoras*, ICEP, Lisboa.

**LANÇA**, Isabel Salavisa (2000), *A Indústria Portuguesa – Especialização Internacional e Competitividade*, Celta, Oeiras.

**LOPES**, A. Simões (1995), *Desenvolvimento Regional – Problemática, Teoria, Modelos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

**MINISTÉRIO DAS FINANÇAS** (1999), *Plano de Desenvolvimento Regional 2000-2006*, Lisboa.

**MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO, DO PLANEAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO, COMISSÃO COORDENADORA DA REGIÃO NORTE (CCRN) , MINISTÉRIO DA ECONOMIA, INVESTIMENTOS COMÉRCIO E TURISMO EM PORTUGAL (ICEP)** (1998.), *Plano de desenvolvimento económico e Social 2000 – 2006 – O Comércio Externo da Região Norte*, CCRN, Porto.

**MINISTÉRIO DO PLANEAMENTO** (2002), *População e Desenvolvimento Humano – Uma perspectiva de quantificação 1970-1999*, Departamento de Prospectiva e Planeamento, Lisboa.

**ROQUE**, M., **FONTOURA**, P., **BARROS** (1999), Pedro, *Teorias do Comércio Internacional e Padrão de Especialização da Indústria Transformadora Portuguesa: 1973-82*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa,.

**SANTOS**, Luís Delfim, **BESSA**, Daniel (org.) (1999), *Região Norte de Portugal – Actualizar e Aprofundar o Conhecimento*, Edições Afrontamento, Porto.

**SIMÕES**, José M., **PORTELA**, José, **CEPEDA**, Francisco (1996), *A Região Fronteiriça de Trás-os-Montes*, Fundacion Hispano-Portuguesa “Rei Afonso Henriques”, Zamora.